

PROCURANDO EVITAR EQUIVOCOS

Carta ao Snr. Dr. Abel Salazar

por ADOLFO CASAIS MONTEIRO

«Esta atitude, para muita gente, é impossível de compreender; para esses, ou se é por uma coisa ou contra ela. Quando se entenderá o espírito crítico?»

ANTONIO SÉRGIO.

Ex.^{mo} Senhor:

A leitura da segunda carta que me dirigiu deu-me uma surpresa bastante desagradável: a de constatar que continua a não ver o que está contido bem claro, inventando-me intenções e opiniões que não tenho, esquecendo que nas minhas críticas não estava subentendida nenhuma doutrina por mim oposta à sua, ou às suas.

Reconheço toda a sua boa fé, toda a sua delicadeza, boa vontade, etc., mas tenho de lamentar que essas qualidades não lhe tenham evitado equívocos que por completo deformam as minhas intenções.

A situação é esta: censurei, digamos assim, um artigo de V. Ex.^a, não pelo que nele se dizia, mas precisamente por não se entender o que pretendia afirmar, nem a quem pretendia combater. Acentuei, desde o começo, que não me propunha discutir ideias. Tudo o que fiz, nesse artigo e no que se lhe seguiu, foi pôr dúvidas sobre a maneira como V. Ex.^a se exprimia, sobre a eficiência dessa luta contra um inimigo invisível; apresentei exemplos comprovativos do que afirmava e... não toquei em ideias, não belisquei sistemas, não combati ciências. Não o fiz por duas razões: a primeira é que não me interessava fazê-lo; e que me interessasse, bastava a segunda razão: a minha incompetência, para me proibir. Repugnou-me sempre falar daquilo que conheço imperfeitamente. E pelo que diz respeito, por exemplo, ao Neo-Positivismo da Escola de Viena, não obstante conhecer todos os livros—allás folhetos—de Carnap, Schlick e Reichenbach que V. Ex.^a costuma citar, e em que se expõem fragmentos dessa doutrina, não encontrei neles bases suficientes, bases sérias para um juízo sobre o valor dela. Mas o que importa para aqui é que não o quis nem tentei fazer.

Mas de que serviu todo o cuidado que puz em vincar bem o meu ponto de vista? Pois não ficou o sr. dr. Abel Salazar pensando que eu vinha em defeza da metafísica?! Mais ainda do que V. Ex.^a, se é possível, acho as polémicas ociosas; mas haverá aqui alguma polémica? Puz dúvidas de carácter metodológico—e em que vem falar-me? No método? Não—mas naquilo que comeci pondo de parte: o valor

do Neo-Positivismo! Mas, se de testa a polémica, como se compreende que esteja a provocá-la, tentando fazer de mim um adversário? Leio na sua última carta: «E, além disso, para defender a Metafísica, tem ainda o sr. dr. C. M. de se haver com os próprios metafísicos...» Pobre de mim, transformando a força em advogado daquilo que NÃO PODERIA defender. Já que, com tanta honestidade, procura fugir ao natural subjectivismo, não deixará por certo de, relendo o que escrevi nos meus dois comentários, reconhecer que tentou enfiar-me uma carapuça que não me assenta nada bem, palavra de honra.

E que assentasse—bastava eu não ter feito qualquer defeza da metafísica para V. Ex.^a não ter o direito de imaginar o que eu não dizia. Imagine esta cena: numa exposição, um indivíduo exclama perante um quadro a óleo:—Não gosto nada desta aguarela! E eu, passando naquele momento, como amigo da exactidão que sempre fui, peço licença e elucido:—Olhe que está equivocado: não é uma aguarela, é um óleo. E que resposta ouço? Esta:—Ai o senhor acha este quadro muito bonito?! pois não é, e por isto, e por aquilo, etc. Eis o que se passou entre nós. V. Ex.^a pelo visto, não concebe que, sem ser para defender a metafísica, eu tenho achado impróprias as expressões com que mimoseou Heidegger!! Mas a sua pseudo-resposta à minha observação leva-me a estranhar agora muito mais a maneira como se referiu a esse filósofo. Pois fala-se naqueles termos dum filósofo—sem o conhecer?! Então V. Ex.^a tem a certeza de que Carnap não pode ter errado?! Mas isso é mais grave do que aceitar a infabilidade do papa!

Com respeito a Teixeira de Pascoaes, a mesma cena: eu a achar impróprias aquelas expressões com que o mimoseou, e o sr. dr. Abel Salazar a vir dizer outra vez que o S. Paulo não presta para nada. Confesso-lhe que não o entendo. Por favor, leia o que escrevi! Compente-se de que achar imprópria a maneira desprezível como se lhe referiu não é, que me conste, dizer que o S. Paulo é um bom livro. E que vem fazer ali Carrel? São dêsse argumentozinhos sem pés nem cabeça, são tais abstrusas e despropositadas associações de nomes e obras que não vem para o caso, são essas e outras... fantasias, que dão ainda mais razão aos meus comentários, sr. dr. Abel Salazar. E' claro, eu estou aqui a ver a sua tão pseudo-ló-

gica maneira de... deduzir: se eu notei a maneira como se referiu a Teixeira de Pascoaes, é porque acho o S. Paulo um livro admirável; como traduzi o livro de Carrel... é porque o acho estupendo! E V. Ex.^a a esfregar as mãos de contente por tamanha agudeza! Veja que assim só consegue dar razão às minhas críticas; que assim só revela a falta de escrúpulo científico que já notei nos meus comentários; veja que assim só comprova melhor a minha convicção de que não é a pessoa mais indicada para reformar o pensamento e a filosofia em Portugal.

V. Ex.^a, sr. dr. Abel Salazar, espera que eu reconheça razão nos seus «esforços em introduzir em Portugal a reforma do pensamento e da filosofia». Ora, se bem me lembro, os meus comentários mostravam claramente que não pertenco ao número dos que dão um fácil entusiasmo a quaisquer boas intenções. A boa intenção que preside a êsses seus esforços, não serei eu quem a ponha em dúvida. Mas «de boas intenções está o inferno cheio».

Pois que me levou a escrever aquele primeiro «comentário», senão o deparar constantemente, nos artigos de V. Ex.^a, graves defeitos que os tornavam inúteis, que anulavam as intenções que os tinham ditado—graves defeitos que se achavam sintetizados no artigo que motivou directamente a minha saída a terreiro? Defeitos da doutrina? Não, como já me esforcei a afirmar. Mas sim defeitos de exposição, defeitos metodológicos, defeitos de redacção, defeitos do tom, etc. E a cada passo continuei a encontrá-los nos seus artigos. Coisa estranha! Noto-o precisamente em todos aqueles que contêm exposições do Empirismo Lógico, da Psico-Semática, etc. Não o noto nunca nos artigos e ensaios de crítica ou filosofia da arte, e em todos os que não tem por objecto a exposição de sistemas (por exemplo, o XIX da série em publicação no semanário «O Diabo»). De crítica e filosofia da arte, bastará citar o admirável estudo sobre Pousão. Será de mim, será subjectivo este notar de diferenças tão profundas? Hipótese absurda, como à primeira vista se verifica. Tenho pois de concluir que é o sr. dr. Abel Salazar que não é o mesmo quando escreve uns e quando escreve outros, e que lhe faltam para uma das actividades os dons que lhe sobram para a outra. Note-se: as duas conferências que pronunciou em 1934—A posição actual da ciência, da filosofia e da religião e A posição actual da ciência e da filosofia—